EDITORIAL

A Amazônia continua sendo terra cobiçada, terra – segundo alguns – a ser colonizada e explorada para garantir o progresso da nação.

Não raro, estamos ouvindo políticos e empresários esbravejar contra a imensidão de terra reservada aos índios, contra as leis de proteção ambiental, contra as ONGs que, com a desculpa de proteger os direitos dos povos da floresta e do ambiente, estariam defendendo interesses internacionais, impedindo o desenvolvimento e o crescimento da região.

Ao mesmo tempo, as mineradoras – estas, sim, a serviço do capital internacional – violam as ricas entranhas desta terra, poluindo nossas águas; famintas madeireiras, asiáticas e não, feitas gigantescos gafanhotos, acabam com nossas árvores e dezenas de milhares de hectares de floresta e de cerrado são substituídos por soja ou eucalipto, sempre inexoravelmente exportados.

Com a desculpa de oferecer empregos a uma população miserabilizada pela política econômica de subserviência dos nossos governos, em troca de umas migalhas compensatórias e com uma nova fachada ecologicamente correta, os grandes projetos apresentam-se como salvadores do povo e única garantia de desenvolvimento.

Os resultados costumam ser bem diferentes das promessas!

Esta realidade nos desafiou a reler a Bíblia.

Com fadiga saiu este número de Estudos Bíblicos. São dez ensaios, nove deles produzidos por gente que vive na Amazônia. Dos doze autores/as, onze são católicos, nove são religiosos ou religiosas, nove são estrangeiros/as, sete são homens e cinco são mulheres. Esta realidade influencia o escrito, o pensamento e até a gramática: um caleidoscópio!

Vários autores/as fizeram do livro do Apocalipse a referência de suas reflexões. Isso não foi planejado. A aparente repetição, talvez, nos ajude a recuperar a importância e atualidade deste livro, para as nossas comunidades e para as nossas vidas de militantes.

***Rebecca e Nello**, históricos companheiros de caminhada dos povos indígenas do Norte, refazem a história trágica e assustadora de um extermínio lento, planejado e inexorável de povos inteiros, em nome do progresso. Um holocausto de milhões, que ainda não entrou para os livros, nem incomoda as consciências das grandes nações.*

A partir disso, relêem os desafios, antigos e novos, enfrentados por estes nossos irmãos, menores em número, mas maiores nas lições que nos dão, quando conseguem

resgatar, apesar dos massacres físicos e ideológicos que duram há 500 anos, seus valores mais profundos e verdadeiros.

A luz do Apocalipse, livro sempre novo da resistência e da esperança, para aqueles que querem enfrentar os dragões e as feras, ilumina estas reflexões.

Uma poesia metáfora de Elizabeth Rondon nos ajuda a entrar mais ainda na riqueza das culturas indígenas, tão próximas à cultura da Bíblia.

Dirk Oesselmann, *luterano que trabalha em Belém, fixa seu olhar sobre a resistência do movimento popular diante da arrogância dos grandes megaprojetos, como ele os chama, usando uma significativa redundância. Descobre no ecumenismo uma força e uma fonte de esperança. O ecumenismo não se apresenta como uma nova denominação religiosa, mas representa um despertar de cristãos pelo compromisso com a dignidade da pessoa e com a justiça social. Percebe-se a importância de um projeto comum de justiça e dignidade global para os dias de hoje a partir do paradigma Terra = casa comum.*

Como exemplo prático disto, Dirk trabalha quatro pequenos textos bíblicos, aprofundando sua dimensão ecumênica.

Jacir de Freitas *trabalha em Minas Gerais, mas foi convidado neste mutirão conosco, pelo seu amor à Bíblia, à terra e ao povo da terra. Ele nos brinda com um* excursus *sobre a resistência indígena em Minas Gerais. E, a partir daí, ele trabalha três mitos de dilúvio: o mito dos índios Maxakali, o mito bíblico e o mito babilônico.*

O mito dos Maxakali mostra que Topá é a salvação quando todos procuram viver na harmonia e partilha dos bens. O dilúvio só ocorre quando isso é quebrado.

O mito do dilúvio nos coloca na perspectiva do re-humanizar o humano e do re-habitar a terra. Isso só será possível quando humanos, animais e natureza voltarem a viver em harmonia. Nada e ninguém se salvará sozinho. Ou nos salvamos todos ou morreremos todos: ricos e pobres.

Na ciranda dos grandes projetos urge recriar, retomar a esperança, mesmo que seja a de um pequeno projeto.

Cláudio Dalbon *trabalha em Manaus, lá onde as águas do Solimões e do Rio Negro se encontram para gerar o Amazonas. Seu estudo bíblico trabalha a antítese entre o projeto de Babel e o de Abraão. Os homens querem conquistar o céu, construindo um império com cidade e torre, e manter-se unidos nesta globalização. É preciso que Javé intervenha, descendo profeticamente e confundindo essa linguagem mítica da globalização imperial. A intervenção de Javé que desce e confunde o mito de Babel se realiza historicamente no chamado de Abraão a migrar para carregar a bênção divina e tornar possível uma nova experiência de humanidade e formar o verdadeiro Povo de Deus.*

No caminho rumo à terra, junto com a mulher estéril, os sobrinhos órfãos agregados ao clã, os poucos pertences, o grupo de Abraão passa pelo deserto da resistência, pela alternativa de caminhos e de projetos que não são controlados pelo sistema globalizante.

Num segundo momento, a partir de um texto recente de Comblin, Cláudio conclui, com a mesma força do Apocalipse: "sai de Babel, meu povo. Toma o caminho de Abraão, vai para a terra que eu te indicar, pois esta terra darei à tua descendência; esquece o programa neoliberal, as privatizações, a volatilização do capital financeiro, o jogo sujo para aumentar os capitais e gerar riqueza virtual, uma riqueza de papel que na realidade sacrifica bilhões de seres humanos."

As irmãs **Jane e Kátia** *há anos convivem com as nossas comunidades, em especial, da Transamazônica. Amigas dos homens e mulheres que lá vivem, refletem conosco sobre a resistência e a mística que sustentam o povo, no meio de tantas dificuldades, fracassos, ilusões, tentações.*

Com o filtro de Dt 11, elas relêem a história do movimento popular e nos revelam que, seja qual for o lugar e a dificuldade, a mística é sempre a mesma, gerada pela própria comunidade que resiste e caminha, com fé em Deus, que foi, é e será para sempre o Deus dos fracos, dos pobres, dos oprimidos.

Neste trabalho Bíblia e vida se misturam, Palavra da Bíblia e Vida do Povo, de homens e mulheres que escrevem, hoje, nos travessões da Transamazônica, esta mesma Palavra e ensaiam, de novo, o Projeto.

Sandro e Ana Maria, *mais uma vez juntos, voltam a um texto por eles já trabalhado: as palavras da Coélet. É em companhia dela que buscam a ironia que permite sobreviver, não só fisicamente, mas também ideologicamente, à opressão implantada, desde então e até hoje, pelos projetos de exploração, nesta terra que era pra ser farta e boa para todos. Escreveram estas páginas sob a pressão de semanas, de meses de trabalho duro, no enfrentamento de 3 grandes projetos, em implantação no Amapá, nos últimos anos: dois de mineração e um de reflorestamento. Todos de multinacionais, todos altamente agressivos, ao povo e ao meio ambiente. Todos altamente lucrativos, para as empresas.*

Contradizendo a versão "oficial" sobre Salomão em Reis e Sirácida, Coélet afirma que tudo o que é mais salômonico – sabedoria, obras, prazeres e riquezas – é "vaidade", fumaça, um nada. Tudo recebe, por parte da Coélet, este selo identificador, uma espécie de ISO 9.000 ou de ISO 14.000[1] *da burrice mais hedionda e conclui que "não há outro bem para o homem além de comer, beber e gozar do fruto de seu trabalho".*

É a sabedoria do nosso índio, é a sabedoria do nosso negro, é a sabedoria do nosso caboclo. É a sabedoria da viúva de Sarepta, da mulher siro-fenícia, de nossas mães, de tantas mulheres que sabem que o que conta é uma mesa farta, uma casa limpa e tanta alegria.

1. ISO 9.000 e ISO 14.000 são critérios de certificação de qualidade ambicionados pelas empresas.

Sandro *escreve, também, sobre Mateus. Algumas parábolas deste evangelho falam de reis, de grandes fazendeiros, donos de terras e empregadores de muita gente. Como trabalhar estas páginas numa realidade como a nossa, marcada pela violência do latifúndio e pela luta pela terra? Como trabalhar estas páginas com um grupo de sem-terra? Como descobrir uma boa-nova em textos onde se fala – e até bem – da atitude do "dono", mas nunca se põe em discussão o fato que seja dono?*

Sandro parte, então, dos sujeitos das parábolas e assim reflete. Nas parábolas em que o sujeito é "um certo fulano", Mateus trabalha a dimensão missionária de quem se põe incondicionalmente a serviço do Reino. Quando o sujeito é o "chefe da casa", Mateus quer que olhemos para a prática de nossas comunidades e destaca a necessidade da tolerância, a solidariedade entre os "servos" e o valor da necessidade das pessoas acima da produção do campo. As parábolas do "Rei" apontam para a dimensão escatológica. Uma escatologia, porém, que nos devolve, sempre, para a quotidianidade de nossa história presente: na casa, nas bodas, no reino vai entrar quem tiver se solidarizado com um dos "meus irmãos mais pequeninos".

Francisco Rubeaux, *estudioso dos escritos de João e incansável animador bíblico das comunidades do Norte, nos mostra como os impérios trazem dentro de si sua própria destruição.*

A partir do capítulo 18 do Apocalipse, ele nos mostra que o desafio é não cair nas ciladas e ilusões de força e poder das bestas imperiais, que se renovam a cada etapa da história, mas conseguir resistir na vivência de algo alternativo e novo, com fé na vitória final, que será do Cordeiro e de seus seguidores!

Desmistificar não significa negar, iludir e fazer acreditar que essa realidade não existe. Os impérios existem, sim, e como! Mas não têm todo esse poder que eles mesmos se atribuem e que nós muitas vezes ratificamos pelas nossas atitudes de submissão covarde. Todos eles passarão, só Deus não passa.

Arlindo Moura, *amigo e companheiro de Francisco, debutante na revista, completa a reflexão a partir do capítulo 13 do Apocalipse, e desmascara a falsidade e as ilusões que as bestas e as bestinhas de ontem e de hoje carregam em si, para se perpetuar e consolidar seu poder.*

Todas as caraterísticas da besta são trabalhadas por ele em seu imaginário simbólico. Ser comparável à Besta é tornar-se igual a ela. É reproduzir, cegamente, todas as suas ações tendo-a como modelo e guia. É, em outras palavras, ser escravo dela. Estas são as características da Besta reveladas por João. Ele chama a atenção para o tipo de poder do qual é portadora: violento, odioso, sutil e escravizador.

Diante de um poder tirânico, que usa de todos os artifícios para se manter, a tendência é sempre se abater. Mas João é um dentre aqueles que não está disposto a desistir. Ele acredita que esse poder, por sua forma de agir, não irá muito adiante. A Besta é um mero sistema humano, dirigido por humanos e pode ser destruído, derrotado, desde que se tenha a consciência e a coragem para enfrentá-la, fortalecidos pelo Plano de Deus.

No fim deste número, **Tea Frigerio** *nos convida a caminhar pelo evangelho de João e por outros textos, nas pegadas-rastros das mulheres que se encontraram com Jesus, tendo o corpo das mulheres, com seus ritmos e seus fenômenos, como paradigma do anúncio e dos sinais de Jesus: um desafio às Igrejas, a todos e todas nós a sermos mais acolhedoras/es da vida, mais atentas aos sinais que vêm de nós, de nossos corpos, de nossas vidas.*

Este número de Estudos Bíblicos *é para* **Eliska Anna Durovec**, *missionária de Notre Dame, morta na Transamazônica, e para* **Santiago Cimarro Olabarri**, *missionário Xaveriano, morto nas águas da Aldeia Kaiapó.*

A vocês, sementes de solidariedade, plantadas nas estradas e nos rios da Amazônia, nos meses em que este número estava sendo preparado, dedicamos estes estudos e nosso compromisso de continuar a caminhar, na solidariedade, com estes povos.

Sandro Gallazzi
e Anna Maria Rizzante Gallazzi